

Guia

dos Pequenos Grupos



José Umberto Moura

PRÓLOGO

A proposta deste Manual é contribuir para atender uma necessidade surgida nas igrejas que já estão desenvolvendo, ou pretendem implantar e desenvolver o programa de Pequenos Grupos. Com a atual conscientização e divulgação do sucesso deste modelo de atividade, muitos têm procurado introduzi-los em suas igrejas, grupos, escolas, comunidades e famílias, porém, encontravam dificuldades de obter uma orientação mínima e segura que houvesse se originado a partir dos próprios Pequenos Grupos existentes.

As orientações encontradas neste Manual resultam de anos de oração, trabalho, aplicação e disciplina. Elas foram elaboradas e testadas no laboratório dos joelhos, nas casas do povo e nas próprias igrejas; e foram aprovadas pelos resultados obtidos e comprovadamente autênticos, a partir dos quais muitos pastores com suas igrejas e vários campos se dedicaram à sua aplicação.

A sua abordagem utiliza uma metodologia simples, porém objetiva, considerando as variadas condições de líderes e igrejas que dele vão se utilizar. Mesmo porque, seu objetivo é basicamente o de esclarecer e orientar uma parcela da liderança da igreja que tem limitações ao acesso de semelhante recurso.

A apresentação dos temas é feita seguindo rigorosamente os passos da evolução de um programa de Pequenos Grupos, a ser iniciado por alguma igreja ou distrito. Ou seja, se alguma igreja desejar implantar esse programa, basta seguir naturalmente a seqüência das orientações contidas neste auxiliar.

Vale lembrar que este modelo, conforme aqui apresentado, não é concorrente a qualquer outro programa vigente da igreja; além de assimilar todo e qualquer programa dos departamentos da igreja, sem embaraço e sem prejuízo na expectativa dos mesmos.

Este guia foi desenvolvido com a participação, colaboração e oração de muitos pastores e membros de igrejas que se beneficiaram de seus resultados. Também se recomenda que sua leitura, estudo e aplicação sejam feitos no mesmo espírito de oração e súplica que os motivou e os orientou na execução do mesmo.

APRESENTAÇÃO

Não podemos exagerar os cuidados que se devem ter, as escolhas que se devem fazer, as decisões que se devem tomar antes da implantação do Programa de Pequenos Grupos nas igrejas, como estilo de vida. O modelo que aqui esboçamos tem sido aquele que estamos praticando há mais de uma década, e tem sido o melhor para a nossa realidade. Não se pode dizer qual o modelo é comparativamente melhor, também seria temerário colocar uma igreja para praticar Pequenos Grupos sem uma razoável certeza de que o modelo escolhido dará bons resultados.

Para que a igreja seja bem sucedida em seus Pequenos Grupos, porém, não depende somente de um bom modelo, depende de uma série de outros fatores combinados. É muito comum encontramos igrejas que praticaram o mesmo modelo com resultados opostos.

Ainda existe muita gente que diz não acreditar em Pequenos Grupos, e na verdade, o que ela quer dizer mesmo é que tem dúvidas, que não conhece, ou que não concorda com o modelo que foi implantado na sua igreja, ou com as pessoas que os estão implantando.

Este Guia pede, em nome da orientação divina dada para que se formem Pequenos Grupos nas igrejas, que considere a sua proposta, sem precipitação de julgamento. Os resultados falam por si mesmos, mas também não são perfeitos. Nem somente pelos resultados podemos provar suas propostas.

Muitas igrejas têm experimentado os Pequenos Grupos como forma de atividade salvadora, outras os consideram apenas mais uma forma de atividade passageira. Como sabemos, todos os extremos são perigosos, inclusive o extremo da dúvida. A atitude é fundamental. Se acharmos que vai dar certo, com fé em Deus, certamente dará certo, mesmo sabendo que a certeza não eliminará grandes lutas. Mas se temos dúvidas, ou mesmo certeza de que não dará certo, é melhor não tentar ainda, orar mais, conhecer mais, esperar mais é melhor do que submeter a igreja a uma frustração. Às vezes, até bons programas têm sido mal utilizados como forma de argumentar que não são bons. Seria uma pena que isso ocorresse com os Pequenos Grupos.

Ao vermos os resultados, a alegria e as mudanças ocasionadas nas igrejas que seguem este modelo, causa-nos entusiasmo e segurança para sua recomendação.

José Umberto Moura

INTRODUÇÃO

O Programa de Deus para Todos os Tempos

A maneira como Deus orientou a organização da antiga nação de Israel, permaneceu inconfundível por sua eficiência e objetividade.

Dirigir uma congregação com mais de dois milhões de pessoas através de um deserto, não era uma tarefa fácil; entretanto, Moisés conseguiu realizá-la. Não apenas porque fora o homem escolhido por Deus para tal missão, mas, principalmente, porque tivera a humildade de ouvir a inspirada orientação de seu sogro Jetro. Um homem que jamais teve a colossal estatura do libertador de Israel, mas que tinha um conselho que vinha de Deus. Ele disse: "Escolhe entre o povo homens... e os coloque como líderes de mil, líderes de cem, líderes de cinquenta e líderes de dez" (Êxodo 18:2). E concluiu com uma previsão otimista: "Se isto fizeres... poderás então suportar a tensão, e também todo este povo voltará em paz para o seu lugar" (Êxodo 18:21, 23). Nascia assim o programa conhecido hoje como Pequenos Grupos.

Moisés aceitou e seguiu este plano que permaneceu muito além de seu tempo e se demonstrou eficiente e adequado às mais variadas situações:

- Às tribos organizadas em torno do tabernáculo. Números 2:31-33.
- Ao exército arrematado para a guerra. Josué 4:8-13.
- Ao período do exílio. Daniel 2:49; 4:30.
- À reconstrução do muro de Jerusalém. Neemias 3:5. Etc.

Quando o Filho de Deus Se fez carne e habitou entre nós cheio de graça e de verdade, ungido pelo Espírito Santo, não Lhe ocorreu idéia melhor do que formar um Pequeno Grupo de doze pessoas para iniciar a Sua igreja. Ele foi apenas coerente: o que ensinou a Moisés, também o praticou.

E quando chegara o momento de Jesus voltar ao Céu, os discípulos demonstraram já haver entendido este poderoso projeto de vida:

"Ao tempo designado, cerca de quinhentos crentes estavam reunidos em pequenos grupos na encosta da montanha, ansiosos por saber tudo quanto fosse possível... Os discípulos passavam de grupo em grupo, dizendo tudo quanto haviam visto e ouvido do Salvador... De súbito, achou-Se Jesus no meio deles..." DTN, 818, 819 (negritos acrescentados).

A igreja Cristã Primitiva nasceu e se desenvolveu em Pequenos Grupos. A antiga estratégia dera resultado, e a igreja crescia não somente em números, mas também em qualidade, sendo "um o coração e alma dos que criam" (Atos 4:32). E perseveravam "unânimes... partindo o pão de casa em casa" (Atos 2:46); a exemplo do que ocorria na casa de Áquila e Priscila (1 Coríntios 16:19), na casa de Nínfa (Colossenses 4:15), na casa de Filemom (Filemom 1, 2), e vários outros. E o que é mais importante: "Não havia entre eles necessitado." Atos 4:34.

Assim como a igreja Primitiva, a Igreja Adventista do Sétimo Dia também se desenvolveu em Pequenos Grupos. Os lares dos pioneiros eram, geralmente, os lugares onde os irmãos se reuniam, e foram, durante muitos anos, o centro de suas atividades religiosas.

Novamente Deus procurou deixar claro que, não havia mudado de opinião em relação ao Seu original programa de desenvolvimento para a igreja. E o Espírito de Profecia, no seu papel de consolidar as Verdades estabelecidas, confirma os Pequenos Grupos como uma espécie de Programa de Deus para Todos os Tempos.

Ellen White escreveu: "A formação de Pequenos Grupos como base do esforço cristão, foi-me mostrado por Um que não pode errar." SC, 72.

Mesmo com o grande crescimento da igreja, esse plano não deveria ser esquecido. Muito mais agora, quando a complexidade da vida moderna exige grandes congregações, muitos membros se sentem isolados e desencorajados para comungar e testemunhar. Mas certamente reagiriam de forma diferente se experimentassem o que Deus recomenda, agora:

"Que reúnam em Pequenos Grupos... para estudar a Bíblia. Tenham um momento dedicado à oração, para que possam ser fortalecidos, iluminados e santificados pelo Espírito Santo.

"Que cada um conte sua experiência com sinceras palavras. Isto dará mais alento e gozo à alma... Cristo entrará em vossos corações. Este é o único pelo qual podeis manter vossa integridade". 7 T, 195.

Tal orientação divina dispensa palavras humanas, mas exige compromisso. Se agora mesmo, cada membro e cada igreja aceitar este desafio de Deus, logo alcançaremos o dia maravilhoso de Sua volta.

CAPÍTULO 1

Pequenos Grupos

De forma geral, pequenos grupos significam um certo número de pessoas reunidas para atividades de seu interesse, exclusivo ou não. A Igreja Adventista mesmo possui muitos grupos pequenos em funcionamento. Alguns exemplos são: a sociedade de dorcas, as diversas comissões, a classe de professores da escola sabatina, a própria escola sabatina, os grupos de oração, etc. São grupos pequenos, mas não são Pequenos Grupos, tecnicamente falando.

Os Pequenos Grupos que focalizamos neste Guia Auxiliar se definem por sua natureza específica e por isso se diferenciam dos demais.

I. Definição

Pequenos Grupos, portanto, significam um programa de conservação e evangelização, que tem por finalidade principal, atender as necessidades básicas dos membros de nossas igrejas, especialmente as necessidades espirituais, e envolvê-los com alegria e entusiasmo na grande tarefa de preparar o mundo para a breve volta de Jesus.

II. Objetivos

Muitos Pequenos Grupos aparecem e desaparecem por falta de objetivos claros e compreendidos por seus componentes. Poderão existir muitos outros objetivos, mas os que se seguem são fundamentais:

1. Ministar

Como um rebanho, os membros precisam ser levados a "pastos verdejantes" e "águas tranqüilas". Quando este rebanho é apenas um bando, fica difícil para o pastor atendê-lo. Organizado em Pequenos Grupos, não só o rebanho será mais bem atendido com o auxílio de co-pastores, como também aprenderão a ministrar às ovelhas de outros apriscos.

2. Treinar

A igreja necessita ser ensinada a fazer a obra de Deus; mas como treinar dezenas, centenas, às vezes milhares de membros? Uma pessoa só não poderá fazê-lo; a menos que tenha auxiliares treinados para treinar outros. Isso só será possível através de Pequenos Grupos.

3. Mobilizar

Mobilizar pessoas, o grande teste da liderança. Normalmente mobilizamos uma multidão para terminar com um pequeno grupo; neste programa, porém, começamos com um Pequeno Grupo e terminamos com uma multidão.

4. Evangelizar

O destino da igreja passa por uma missão universal chamada evangelismo. Os Pequenos Grupos nascem com essa identidade. Esse é um programa de evangelização fácil, econômico e envolvente.

5. Conservar

O número de pessoas que abandonam a igreja revela não somente um ponto fraco de evangelização, como também uma urgente necessidade de um programa de conservação. Pesquisas apontam que mais de 70% das pessoas abandona a igreja porque não conseguiram estabelecer relacionamentos de amizade com pelo menos oito irmãos adventistas. Isso é uma tragédia. Nos Pequenos Grupos esse problema é facilmente resolvido.

6. Reavivar

A igreja que subirá para o Céu será uma igreja reavivada. O reavivamento não ocorre automaticamente. Os Pequenos Grupos oferecem um ambiente adequado para o reavivamento por ser de fácil contágio espiritual e emocional.

III. Características

Para melhor compreensão da natureza dos Pequenos Grupos serão apresentadas algumas de suas principais características.

1. Frequência das Reuniões

O Pequeno Grupo se reúne com todos os seus membros uma vez por semana; no dia que ficar melhor para todos.

2. Hora e Local

Na mesma hora e local combinados com os componentes. Mudanças periódicas de local podem ocorrer de acordo com os objetivos evangelísticos, ou situações que assim o exijam.

3. Geografia

O Pequeno Grupo deve ser formado por membros ou famílias que morem próximos uns dos outros, ou conforme seja mais conveniente.

4. Número de Membros

Os Pequenos Grupos funcionam melhor com 10 a 14 componentes. Poderá haver menos; a partir de 16 participantes o mesmo deve se preparar para ser subdividido.

5. Alvos e Objetivos

Cada Pequeno Grupo precisa ter os seus alvos e objetivos claramente conhecidos por seus membros. Essas informações dão clareza de horizonte e incentivo aos desafios.

A. **Alvos Específicos** - Os membros devem ser orientados e animados a lutar por seus alvos, que são:

B. **Duplas** - Cada membro faz parte de uma dupla.

C. **Estudos Bíblicos** - Cada dupla deve ser incentivada e desafiada a participar de estudos bíblicos.

D. **Batismos** - Cada membro precisa sentir a alegria de levar pelo menos uma alma a Cristo, por ano.

E. **Dividir-se** - Cada Pequeno Grupo deve ter como meta crescer e se dividir, se possível, uma vez por ano.

Embora a prática deste programa não seja de exclusividade da Igreja Adventista do Sétimo Dia, está distintamente identificado com nossa herança bíblica e nosso compromisso profético. Afinal, não somente tem fundamento bíblico, mas também tem segura recomendação e orientação do Espírito de Profecia.

CAPÍTULO 2

Porque organizar a Igreja em Pequenos Grupos

Existem várias razões e motivos para que as igrejas sejam organizadas em Pequenos Grupos; alistamos aqui aquelas que consideramos principais.

I. Orientação Divina

Devemos organizar as igrejas em Pequenos Grupos porque, primeiro lugar, é uma clara orientação divina; isso já deveria ser o bastante.

II. Traz Benefícios

Outra razão são os benefícios que pessoas e igrejas recebem com sua prática. Hoje as relações humanas são consideradas de grande importância para a sobrevivência e bem estar das pessoas, e nenhuma sociedade fraterna pode existir sem ter o mínimo de convivência social. As igrejas, especialmente as maiores, vêm se privando disso, e uma incômoda distância entre seus membros vem se acentuando. As igrejas organizadas em Pequenos Grupos têm ativa convivência social e fraterna.

III. Evangelização e Conservação

O terceiro grande motivo é a organização da igreja para cumprir a sua missão evangelística, e conservar seus membros fiéis, ativos e felizes. A pregação do evangelho e a fixação dos membros nas igrejas necessitavam dessa "descoberta", que foi reencontrada nas páginas das Sagradas Escrituras.

IV. Fundamento Bíblico

Por incrível que pareça, o programa de Pequenos Grupos é o mais praticado na Bíblia, tanto para conservação (missão centrípeta), quanto para evangelização (missão centrífuga), a ponto de ter se tornado em vários momentos da história de Israel e da Igreja Cristã, um verdadeiro estilo de vida. No Velho Testamento ele se destaca como programa de conservação; já no Novo Testamento se destaca como programa de evangelização.

1. Velho Testamento

Desde o livro de Gênesis, com a criação do homem, os sobreviventes do dilúvio, o nascimento da nação israelita, nota-se o valor dos grupos pequenos como fator étnico, cultural e religioso, mas como programa eclesial organizado ele se inicia mesmo com Moisés e a sua igreja do deserto.

A. **Moisés** - Deus tinha um povo para tirar do Egito e levá-lo para a terra prometida, Canaã. O povo era em grande número, idólatra, rebelde, e não poderia ser conduzido ou ensinado de forma desorganizada. Moisés, apesar de toda a sua formação, começou a enfrentar problemas, porque ainda não conhecia o método divino para conduzir uma igreja. Então, Deus enviou Jetro, que ensinou a Moisés alguns princípios fundamentais de liderança, e um plano, no qual Moisés deveria (ver Êxodo 18):

- Dividir o povo em grupos progressivos (10, 50, 100 e 1000).
- Escolher líderes que o representassem perante o povo.
- Distribuir o ministério (funções e tarefas).
- Fazer apenas aquilo que o povo não pudesse fazer.

E o resultado seria:

Moisés ficaria mais aliviado para as suas grandes tarefas. E o povo ficaria em paz.

B. **Neemias** - No renascimento da história do povo de Israel, após setenta anos de cativo, Neemias organiza a reconstrução física, moral e religiosa de sua nação, exatamente como Moisés a iniciou mil anos atrás. Além da manutenção da fé, o plano de Pequenos Grupos mostrou-se eficaz na preservação da vida. Unidos, animavam-se, e ao mesmo tempo, defendiam-se dos cruéis inimigos de Deus e de Seu povo (ver Neemias 3-6).

2. Novo Testamento

Jesus Cristo iniciou a Sua igreja reunindo 12 pessoas (Marcos 3:13-19), a quem chamou de Discípulos. Mil e quinhentos anos depois, o Anjo guia de Israel, pratica o mesmo método e ensina-o àqueles que deveriam ser os fundadores da Sua igreja.

A. **Os Discípulos** Imediatamente após a ascensão de Jesus, os discípulos "voltaram para Jerusalém", e reuniram o seu Pequeno Grupo no Cenáculo, e "perseveraram unânimes em oração", até que "veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam", e "todos ficaram cheios do Espírito Santo" (Atos 1:12-14; 2:1, 2 e 4).

B. **Paulo e a Igreja Primitiva** - Paulo foi praticante e grande incentivador do trabalho em Pequenos Grupos, transformando a igreja Primitiva numa grande constelação de pequenas igrejas que se reuniam na casa dos irmãos:

- Jasom, em Tessalônica - Atos 15:5, 7.
- Áquila e Priscila, em Corinto - I Coríntios 16:19.
- Ninfa, em Laodicéia - Colossenses 4:15.
- Filemom, em Colossos - Filemom 1 e 2. Etc.

V. Fundamento no Espírito de Profecia

1. Orientação Divina

"A formação de Pequenos Grupos como base do esforço cristão foi-me apresentada por Aquele que não pode errar." SC, 72.

2. Grandes Igrejas

"Se há na igreja grande número de membros, convém que se organizem em Pequenos Grupos a fim de trabalhar..." SC, 72.

3. Pequenas Igrejas

"Se num lugar houver apenas dois ou três que conheçam a verdade, organizem-se num grupo de obreiros..." SC, 72.

4. Resultados

"Assim diz o Senhor: A apresentação de Cristo em famílias e em pequenas reuniões em casas particulares é muitas vezes mais bem sucedida em atrair almas para Jesus do que sermões ao ar livre, ou mesmo em salões e igrejas." OE, 193.

5. Método de Cristo

"Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo." CBV, 120.

6. Cristo Está Presente

"Nessas pequeninas reuniões, o próprio Cristo estará presente segundo prometeu e os corações serão tocados por Sua graça." SC, 122.

VI. Outras Razões

Existem muitas razões pelas quais torna-se necessário e urgente organizar as igrejas em Pequenos Grupos. Aqui foram divididas em Razões Bíblicas e do Espírito de Profecia, e Razões Práticas:

1. Razões Bíblicas e do Espírito de Profecia

- Foi o método recomendado por Deus a Moisés.
- Foi o método usado por Jesus e pelos Apóstolos.
- Foi o método usado pela igreja Primitiva.
- Foi o método usado pelos pioneiros adventistas.
- É um método recomendado pela Bíblia e pelo Espírito de Profecia.

2. Razões Práticas

- É um método fácil, prático, acessível e barato.
- Proporciona um evangelismo econômico e produtivo.
- Oferece um crescimento acima da média.
- Assegura um crescimento permanente e contínuo.
- Cuida da conservação e previne a apostasia.
- Aumenta a amizade e a integração entre os membros da igreja.
- Facilita a imediata integração do novo membro.
- Incentiva a participação de todos os membros.
- Envolve maior número de membros nas atividades da igreja.
- Facilita a descoberta e a aplicação dos dons.
- Ajuda na preparação e desenvolvimento de líderes.
- Estimula o aparecimento de novos líderes.

- Leva a igreja aos lares e a mensagem ao povo.
- É o método que melhor se adapta à necessidade e às circunstâncias de penetração da mensagem nos últimos tempos.
- É o único método capaz de cumprir, ao mesmo tempo, a missão soteriológica e escatológica da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

CAPÍTULO 3

Como Organizar Sua Igreja em Pequenos Grupos

A maior dificuldade para a implantação dos Pequenos Grupos está exatamente no "Como?" Como planejar? Como preparar? Como desenvolver? São questões que exigem respostas simples e seguras com base na experiência. Este capítulo trata de respondê-las, apresentando os princípios para implantação e desenvolvimento dos Pequenos Grupos, e como estes princípios devem ser aplicados, passo a passo.

I. Princípios Gerais

Foi amplamente observado que as igrejas onde os Pequenos Grupos funcionaram bem, em maior ou menor grau, eles se apoiaram nestas características que assumiram a qualidade de princípios.

1. Início Progressivo

O programa de Pequenos Grupos deve ser implantado por igrejas, progressivamente, até que todas sejam alcançadas. A primeira igreja a ser implantado no distrito, precisa ser bem escolhida e de acordo com as suas características. Nem sempre a maior igreja é a melhor opção.

2. Participação de Toda a Igreja

Um festivo início deve ser preparado e toda a igreja deve ser chamada a participar. Todos os grupos que foram formados deverão iniciar suas atividades conjuntamente e seguir o mesmo programa.

3. Número de Participantes

O número de participantes poderá variar com as circunstâncias, porém, normalmente funciona melhor com 10 a 14 participantes. Caso exceda este número para além de 16 pessoas, o Pequeno Grupo deverá ser subdividido.

4. Dia de Reunião

O dia em que devem acontecer as reuniões precisa ser discutido pelos membros do Pequeno Grupo, e marcado de acordo com a disponibilidade de seus membros.

5. Local de Reunião

A reunião deve acontecer sempre no mesmo local, a fim de criar o hábito e facilitar as possibilidades evangelísticas. Quando essas se esgotam, ou por motivo maior, outro lugar deve ser escolhido. Não é interessante fazer rodízio semanal, ou mesmo mensal.

6. Frequência das Reuniões

As reuniões devem acontecer semanalmente e devem ter a mesma importância que o culto sabático. A frequência a estes cultos não pode ser ocasional nem rotineira, mas totalmente prioritária. Deve fazer parte da vida do membro reservar esta hora da semana para estar com Deus e com sua pequena igreja. Esta atividade trará um senso de liberdade e felicidade à vida.

7. Período de Tempo

Toda a programação deve girar em torno de uma hora a uma hora e quinze minutos, no máximo. Caso o grupo necessite de mais socialização, que deve realmente acontecer, marque-se uma outra reunião em outro horário para este fim.

8. Reunião de Líderes com o Pastor

Para que o programa realmente tenha êxito será indispensável que o pastor do distrito, como líder geral do programa, reúna-se uma vez por semana ou excepcionalmente de 15 em 15 dias, com os seus diretores de Pequeno Grupo. Este item não poderá ser questionado. Numa eventual ausência do pastor, o ancião coordenador poderá substituí-lo.

9. Convívio Social

A convivência social é uma necessidade básica de todo ser humano, e os Pequenos Grupos não poderão se omitir em atendê-la. As pessoas sentem necessidade de conversar, brincar, extravasar seus sentimentos reprimidos por tantos problemas e desventuras. Essa partilha de sentimentos amadurece as pessoas emocionalmente e cria laços profundos de confiança e amizade cristã.

10. Programa Sugestivo

Cada Pequeno Grupo poderá compor seu próprio programa no qual sempre deverá constar cinco pontos

básicos:

- 1) Confraternização
- 2) Louvor
- 3) Testemunho
- 4) Oração
- 5) Estudo da Bíblia.

II. Passos Prévios

1. Preparar a Igreja

Preparar os fundamentos e estruturas da igreja, a fim de suportar o que será construído acima. Os Pequenos Grupos sozinhos e, em si mesmos, não mudarão a igreja de forma consistente e definitiva. A igreja precisa de estruturas funcionais. Um bom módulo de programa para as quartas-feiras, outro para os domingos, uma boa escola sabatina aos sábados e um animado e útil culto jovem. Além disso, seria muito bom criar um culto espiritual de apoio; tipo "Culto do Poder", em dia e hora diferentes. Precisa ser forte, consistente, e não concorra com os cultos já existentes. Quer dizer, não é descobrir um santo para cobrir outro. Se os cultos em geral não estão bem, a solução não é criar mais um culto. O pastor e a liderança da igreja devem usar de sensibilidade para decidir dar ou não esse passo.

2. Elevar o Nível Espiritual

Muitos confundem reavivamento com "alegramento". Entendem que para reavivar uma igreja basta levá-la ao extremo da alegria. Muitos pregadores se transformam em animadores de auditório, e findam transformando os cultos em alegres passatempos e o local sagrado da igreja em um local comum de diversão. Esse tipo de reavivamento é a causa de muita frustração. Nesse tipo de culto as pessoas perdem a noção do sagrado, e deixam de ir à igreja para se encontrar com Deus, e a comunhão é substituída pelo passatempo alegre que momentaneamente faz o povo esquecer suas mágoas e dores; porém, quando voltam à realidade a frustração é ainda maior. Para que uma igreja cresça espiritualmente necessita melhorar ou mudar completamente seu calendário homilético. Os sermões precisam ser poderosos, precisa-se falar mais e orar mais pelo Espírito Santo. Nada pode substituir as pregações ungidas pelo óleo do Espírito. Liderança e membros precisam se envolver num consistente programa pessoal e coletivo de oração. Vigílias regulares precisam acontecer. Onde isso ocorrer, há um reavivamento.

3. Gerar Expectativas Saudáveis

Pode até ser uma impressão errônea, mas o que geralmente se percebe é que as igrejas não sabem o que está acontecendo, nem qualquer expectativa do que vai acontecer. Muitos membros chegam à igreja no sábado pela manhã sem qualquer expectativa, sem qualquer desejo, o que quer que aconteça também não faz diferença. A igreja precisa estar atenta às realidades da vida, às realidades proféticas, às realidades do seu tempo.

4. Criar o "Clima"

Quando as estruturas funcionais da igreja estiverem erguidas, quando os cultos estiverem aquecidos, quando os membros tiverem expectativas de que algo está para acontecer, é um bom momento para indicar o caminho pelos Pequenos Grupos.

III. Sete Atitudes para Implantação

O que antes se chamava simplesmente de passos para a implantação, passou-se a chamar de atitude. Atitude tem a ver com decisão, estado de espírito, determinação. Entende-se que cada passo dado para a implantação dos Pequenos Grupos precisa ter a força de uma atitude.

1. Primeira Atitude: Passar a Visão

Passar a visão aos principais líderes da igreja, a começar pelo primeiro ancião. A resposta dos líderes da igreja deve mais que solidariedade e apoio; deve ser compreensão, aceitação e compromisso. Esse é um teste para a capacidade de liderança do pastor. Se ele não conseguir apoio incondicional dos líderes, fatalmente a igreja ficará dividida. É uma regra: líderes divididos, igreja dividida.

2. Segunda Atitude: Formar os Pequenos Grupos por Região

Organizar a formação dos Pequenos Grupos, com o auxílio dos anciãos e do(a) secretário(a), por região e por família (não criar constrangimento). Isso deve ser feito com muita oração. A relação dos Pequenos Grupos e seus respectivos líderes poderá ser colocada no mural da igreja durante a semana de oração.

3. Terceira Atitude: Escolher os Líderes

A partir dos Pequenos Grupos formados, o pastor com mais dois ou três anciãos e o(a) secretário(a) da igreja devem escolher os futuros líderes. Em seguida o pastor deve ter um encontro muito especial com os mesmos para lhes apresentar os planos e sua perspectiva. O ideal, entretanto, é que o pastor visite os líderes escolhidos para essa tarefa. Isso deve ser feito com muita oração. Atenção: Primeiro se forma o Pequeno Grupo, e deste se escolhe o líder.

4. Quarta Atitude: Preparar os Líderes

Durante um período de tempo que pode variar de 4 a 6 horas, os líderes deverão ser iniciados nos Pequenos Grupos e treinados com base neste Guia de Implantação. Uma bibliografia deve ser recomendada. Quanto maior for o conhecimento sobre o assunto, melhor será seu aproveitamento e maior a sua realização como líder de Pequeno Grupo.

5. Quinta Atitude: Semana de Oração

Fazer uma Semana de Oração direcionada aos planos e objetivos dos Pequenos Grupos. Uma empolgante e poderosa semana de reavivamento para marcar o lançamento oficial do programa. No sábado à tarde fazer a primeira Reunião de Líderes.

6. Sexta Atitude: Apresentar o Plano à Igreja

No sábado do encerramento da semana, à tarde, apresentar panoramicamente o plano para toda a igreja, bem como os líderes dos Pequenos grupos. Nessa ocasião, pedir o apoio dos membros e apelar para que assumam solenemente um compromisso com o programa de Deus.

7. Sétima Atitude: Visitação aos Membros

Entre a semana de oração e a primeira reunião dos Pequenos Grupos nos lares, os líderes precisam fazer uma visita, ou um bom contato, aos membros do seu respectivo Pequeno Grupo para lembrar o dia, hora e local desta reunião.

IV. Funcionamento

1. Primeiro Sábado à Tarde

No primeiro sábado da semana de oração, à tarde, deve ser feita a primeira reunião sistemática de treinamento. Nela os líderes aprendem como fazer a primeira reunião em seu respectivo Pequeno Grupo.

2. Segundo Sábado à Tarde

Considera-se importante encerrar a semana de oração no sábado à tarde, com uma inspiradora santa ceia. Além disso, deve-se: 1) apresentar os líderes diante da igreja e orar por eles; 2) apelar fervorosamente para que toda a igreja esteja reunida na sexta-feira seguinte, para iniciar os Pequenos Grupos nos lares. A partir dessa primeira reunião cada Pequeno Grupo decidirá o dia, a hora e o local para as reuniões subseqüentes.

3. Líderes se Preparam

Os líderes devem se preparar com muita oração para realizar a primeira reunião com seu Pequeno Grupo, oportunidade em que firmarão com os membros um compromisso individual com o programa de Deus. Durante a semana em que se dará o início do programa os líderes devem visitar ou entrar em contato com os membros de seu Pequeno Grupo, confirmando suas presenças e reforçando a informação sobre o dia, a hora, e o local da primeira reunião.

4. Primeira Reunião dos Pequenos Grupos

Apelar calorosamente para que todos estejam presentes na primeira reunião dos Pequenos Grupos, a se realizar em um mesmo dia e mesma hora, e nos respectivos locais de reunião. Isso já deve estar no planejamento da igreja. A preferência tem sido pela sexta-feira seguinte, quando a motivação dos membros ainda está alta. Arranjos devem ser feitos para que nesse dia essa atividade não sofra qualquer concorrência.

5. Reuniões Sistemáticas de Treinamento

Os líderes deverão se reunir semanalmente (pelo menos nos primeiros meses) com o pastor ou ancião coordenador. Essas reuniões precisam ser motivadoras e inspiradoras a fim de dar aos líderes o preparo necessário para um bom desempenho à frente de seu respectivo Pequeno Grupo. Eles serão treinados, os programas avaliados, os problemas discutidos, e planos são elaborados. Principalmente nas primeiras semanas o pastor ou o ancião coordenador fará com os líderes o que eles devem fazer com os seus respectivos Pequenos Grupos.

6. Dia "D"

Caso o programa opte por fazer primeiro uma fase de reavivamento utilizando o livro Preparo para a Chuva Serôdia, ou algum outro do gênero, vale lembrar que essa fase é muito importante para resgatar irmãos desmotivados, frios ou afastados, bem como pessoas que já tomaram estudos e não se decidiram, além de parentes, e pessoas aculturadas a nossa religião. Ao mudar para uma ênfase mais evangelística é necessário um cuidadoso preparo para um festivo e fervoroso Dia "D" - quando as portas dos Pequenos Grupos serão abertas para as demais pessoas convidadas.

CAPÍTULO 4

Manutenção dos Pequenos Grupos

Muitas igrejas começaram a implantar Pequenos Grupos com muito entusiasmo e muito desejo de que dessem certo, e que ocorresse na mesma, exatamente aquilo que tem sido preconizado. Mas, infelizmente, o sonho terminou em frustração.

Quando a implantação dos Pequenos Grupos não obedece aos critérios devidos; quando a sua manutenção técnica, gerencial e espiritual é negligenciada pode precipitar um abortamento do programa.

I. Frentes Permanentes

Entre outras questões igualmente importantes os Pequenos Grupos precisam manter três frentes permanentes de sustentação que darão estabilidade ao programa: Espiritualidade, Treinamento e Motivação e Ação Evangelística.

1. Espiritualidade

É necessária uma ênfase espiritual desde o início. As pessoas precisam de tempo para mudar seus hábitos e práticas e desenvolver um novo ritmo e estilo de vida, bem como sedimentar novos princípios. Tudo deve ser realizado com muita oração e consagração. Todos buscando o reavivamento e se empenhando numa reforma para desfrutar maiores bênçãos de Deus. Essa marca inicial deve acompanhar os Pequenos Grupos em toda a sua caminhada, até Jesus voltar.

2. Treinamento e Motivação

Deve-se constantemente reciclar os objetivos, alvos e metas do programa e elevar a motivação dos líderes. Lutar para evitar as desistências, ou por recuperá-las, quando ocorrerem. O desânimo está proibido. A reunião de líderes é o momento especial para isso.

3. Ação Evangelística

O propósito final dos Pequenos Grupos é a pregação do evangelho. É uma ação imediata e permanente. E quando a orientação de Deus é seguida, quando os passos recomendados são dados, isso acontece naturalmente, e pessoas são conquistadas pela pregação do evangelho.

II. Reavivamento e Reforma pelos Pequenos Grupos

Os Pequenos Grupos não apenas têm fundamento profético, como também direcionamento escatológico. Neles, não pode ser ignorada a busca do reavivamento e da reforma, condição indispensável para concluirmos a obra de Deus. Se o reavivamento é a maior necessidade da igreja (ver 1 ME, 121), então também deve ser a prioridade dos Pequenos Grupos; caso contrário os mesmos correrão o risco de se transformar em mais uma técnica para ganhar almas, um braço mecânico do evangelismo. Para ser dado o Alto Clamor, a igreja necessita de um reavivamento e uma reforma no modelo da primitiva piedade cristã. Um período cíclico anual deveria ser reservado para se promover um poderoso reavivamento na igreja, que se estendesse pelos Pequenos Grupos e neles tivesse continuidade.

III. Conservação

Os Pequenos Grupos têm demonstrado ser o mais importante meio para conservar os membros batizados na sua fé, bem como resgatar os afastados, estimular os desanimados e reavivar a igreja; além de criar alternativas para a vida social dos membros e integração de membros novos, e interessados. Conservar pode dar a idéia de "conserva", alguma coisa mantida sem vida dentro de um recipiente. Não é o caso. Muitos estão na igreja como "conservados" e fossilizados, "tendo aparência de quem vive, mas está morto". Não é isso. A igreja deve ser um ambiente santo, que conserve seus membros puros; deve ser dinâmica, para conservar seus membros vivos; e aquecida para que seus membros não esfriem. Conservar não é manter os membros em "conserva" fossilizados, não é manter os membros numa geladeira, imobilizados, como também não é manter os membros na igreja através de cultos "animados" e programações "divertidas". Na conservação Jesus também deve ser o grande motivo.

CAPÍTULO 5

Assembléia de Pequenos Grupos

As Assembléias de Pequenos Grupos têm proporcionado vida e saudável alegria às igrejas, como nos tempos bíblicos. Sua realização tem sido um fato importante na manutenção deste programa, merecendo assim, um capítulo à parte.

As celebrações sempre foram um elemento importante na vida das igrejas em todos os tempos. As pessoas precisam de alegria, de festas, de celebrações em suas comunidades religiosas. Afinal, estar alegre e ser feliz não é pecado. Há muitas práticas no antigo Israel que não são dignas de serem copiadas, mas aquelas que Deus aprovou e até recomendou, devem servir de modelos a serem seguidos. Um bom exemplo eram as Assembléias, nas quais toda a nação de Israel comparecia perante o Senhor, levando seus dízimos e suas ofertas, seu louvor e sua adoração, num clima festivo de vitória: Era "Festa ao Senhor".

I. As Três Grandes Festas Anuais

Deus mesmo orientou o Seu povo para que comparecesse diante dEle, não como cansados e tristes viajantes, mas como um povo alegre e vitorioso. Deus mesmo orientou que eles deveriam comparecer à Sua presença pelo menos três vezes ao ano, para grandes celebrações, em grandes Assembléias. Deus mesmo tinha prazer nessas festas. Deus mesmo Se alegrava com o Seu povo e Deus mesmo participava pessoalmente dessas festas.

"Três vezes no ano, todo homem entre ti aparecerá perante o Senhor Deus, Deus de Israel".

"Guardarás a Festa dos Pães Asmos, como te ordenei, no tempo indicado no mês de abibe;"

"Também guardarás as Festas das Semanas, que é a das primícias da sega do trigo,"

"E a Festa da Colheita no fim do ano". Êxodo 34:23, 18, 22, 23.

Comparecer à presença do Senhor era em si mesmo uma grande festa. Também era uma feliz oportunidade para reencontrar parentes e amigos e promover uma grande confraternização.

II. Resgatando as Assembléias dos Tempos Bíblicas

Para o adorador, o objeto adorado é o seu objetivo. Para o Povo de Deus, Deus era o seu objetivo. As festas eram uma reação, uma resposta de alegria do povo, por estar diante de um Deus vivo, pessoal e salvador. Não tinha um fim em si mesma. E Deus retribuía generosamente essa alegria concedendo bênçãos ao Seu povo.

Com o passar do tempo, as religiões se transformaram em um conjunto de regras e proibições. Cada religião criou suas doutrinas e seu rígido código de disciplina. Seus cultos perderam a espiritualidade dando lugar ao formalismo e depois ao medo, temor ou remorso. Como consequência, Deus passou a ser apresentado aos adoradores como um ser impessoal, perscrutador e vingativo; então, as pessoas escolhiam a religião pelo remorso ou pelo medo. A igreja deixou de ser um lugar de alegria e felicidade para ser um lugar de confissões de culpa e de ajuste de contas. Não havia mais motivos para celebrações e as Assembléias perderam seu motivo de existir.

Coube então aos Pequenos Grupos a tarefa de resgatar essa prática bíblica, redescobrimo os verdadeiros motivos das celebrações. As Assembléias voltaram, conscientemente e definitivamente. Os Pequenos Grupos estão resgatando o brilho, o entusiasmo e a santidade das Assembléias dos tempos bíblicos. As igrejas estão redescobrimo o seu estilo de vida, o louvor voltou a ser alegre e espontâneo sem perder a sua solenidade. As pessoas voltaram a comparecer diante do Senhor para levar seus dízimo e suas ofertas, seus louvores e testemunhos, como no passado. E como no passado, o Senhor Deus tem estado presente abençoando prodigamente o Seu povo. Essa é a razão da Assembléia. Não são reuniões vazias. Não são programas para preencher o tempo. Não são divertimentos. É a redescoberta do gozo e da alegria da religião verdadeira, decorrente da comunhão com Deus e com os irmãos.

Nas Assembléias o povo canta e celebra porque tem o que comemorar. Fazer celebração sem motivo é "como o bronze que soa ou como o címbalo que retine" (I Cor.13:1). O povo se alegra diante de seu Deus porque Ele está operando maravilhas no meio dele. Seu Santo Espírito está sendo derramado e almas estão sendo redimidas pelo poder da cruz. É alegria, é festa. Essa alegria faz parte do fruto do Espírito (Gal. 5:22). Essa é a alegria que traz saúde e cura para a alma (Pro. 16:24).

III. O Espírito de Profecia Recomenda

O Espírito de Profecia recomenda, com solene entusiasmo, essas reuniões pejudas de louvores, onde os próprios anjos de Deus estão presentes e participam conosco na adoração ao Criador.

"Devemos ter sempre presente que em cada Assembléia de crentes na Terra, anjos de Deus estão escutando os testemunhos, hinos e orações. Devemos lembrar que nossos louvores são completados pelos coros da hoste angélica celestial". 3 TS, 32, 33.

Esse forte sentimento de adoração através de um louvor alegre e festivo deve tomar conta dos adoradores e contagiar todos os presentes. É o momento em que a nossa boca se enche de "riso e a nossa língua de júbilo"; damos motivos para que as pessoas digam: "Grandes coisas o Senhor tem feito por eles. Realmente, grandes coisas fez o Senhor por nós; por isso estamos alegres." Sal. 126:2 e 3.

"Mesmo em meio a aflições, desapontamentos e pecados deste mundo, o Senhor quer que estejamos jubilosos e fortes no Seu poder..."

"O lado brilhante e deleitável de nossa religião terá sua justa expressão da parte de todos os que diariamente se consagrarem a Deus. Não devemos desonrá-Lo com a narração queixosa de provações que se nos afiguram penosas. As provações que forem encaradas como instrumentos educativos nos darão alegria. A vida religiosa eleva e enobrece, espalhando em torno o suave perfume das boas palavras e atos. O inimigo alegra-se ao ver as almas oprimidas, abatidas, queixosas e tristes; seu desejo é ver que essas impressões se produzam como que resultantes de nossa fé. Não é a vontade de Deus, porém, que nosso espírito assuma essa atitude. Ele quer que cada alma triunfe pelo poder preservador do Redentor". 3TS, 31,32.

Diz o salmista: "Cantai ao Senhor, vós que sois Seus santos, e dai graças ao Seu santo nome". Sal. 30:4. "Portanto, ao reunir-vos... cantai louvores Àquele que vos chamou das trevas para Sua maravilhosa luz. Ao que nos amou e em Seu precioso sangue nos lavou dos pecados, dedikai a adoração de vossa alma". 3 TS, 33.

As nossas Assembléias são uma lembrança e um preparo para a Assembléia do Céu. "Lá no santuário de Deus, reunir-se-ão, então, sábado após sábado e mês a mês para participarem dos mais sublimes cânticos de louvor e ação de graças, entoados em honra dAquele que está assentado no trono, e ao Cordeiro, eternamente". 3 TS, 33.

IV. Fatores Que Garantem o Sucesso

As Assembléias realizadas no antigo Israel caracterizavam-se pela solenidade e compromisso e, às vezes, pela urgência. No livro do profeta Joel, encontram-se claramente essas características, justamente porque em seu tempo Israel vivia em tais condições espirituais que reclamavam um reavivamento e uma reforma.

"Convocai uma Assembléia Solene, congregai os anciãos, todos os moradores da terra, para a Casa do Senhor".

"Tocai a trombeta em Sião, promulgai um santo jejum... Congregai o povo, santificai a congregação, ajuntai os anciãos, reuni os filhinhos e os que mamam". Joel 1:14; 2:15, 16.

Assembléias de Pequenos Grupos são reuniões solenes e festivas, nas quais toda a igreja comparece com espírito de adoração e de santa alegria. É dia de santa convocação. É festa ao Senhor. Cada membro vem à presença de Deus, levando seus convidados e juntando-se ao seu Pequeno Grupo. Estas Assembléias podem acontecer mensalmente, bimestralmente ou trimestralmente, conforme a programação da igreja.

Nesse dia a igreja deve estar preparada como para uma grande festa Festa ao Senhor. Faixas, cartazes, flores, convidados e batismos. Os assentos devem estar arranjados de forma que cada Pequeno Grupo tenha o seu lugar reservado, e se assentem juntos, como na Escola Sabatina.

O melhor que a igreja ou o distrito tiver em música, em organização, em apresentação, deve ser colocado à disposição do Programa. Para que nada ameace o desempenho e os objetivos da programação, as Assembléias devem ser planejadas de tal forma a prever:

- Saídas de grupos musicais;
- Programas concorrentes;
- Reuniões paralelas.

Em caso de inevitável conflito, recomenda-se sua realização em outra data. Tudo com a devida antecedência.

O sucesso de uma Assembléia de Pequenos Grupos depende da convergência de vários fatores. Alguns bem óbvios como: previsão, organização, execução e oração.

E de outros fatores menos previsíveis que são 1) o Líder, 2) a Divulgação, 3) a Programação; e um fator opcional, porém, não menos importante chamado... 4) Atração.

1. Líder

O Líder é responsável por informar e criar uma saudável expectativa quanto à realização da Assembléia. Ele deve confirmar na véspera, e mesmo no dia, a presença de todos; bem como conferir suas presenças na programação. Recomenda-se que o Líder crie incentivos para que os membros levem seus convidados.

2. Divulgação

A Assembléia de Pequenos Grupos é uma festa espiritual e, como tal, precisa de uma divulgação à altura. Uma Assembléia não poderá ocorrer sem que todos os membros da igreja saibam o dia e a hora de seu acontecimento, com a devida antecedência, para programar sua presença juntamente com seu Pequeno Grupo e seus convidados especiais.

É uma grande oportunidade para aqueles membros que tem dificuldades para testemunhar, realizar o seu trabalho de ganhar almas, pois, levando seus convidados a uma programação tão alegre, festiva e, ao mesmo tempo espiritual, abre-se a porta para contatos diretos a respeito de sua fé.

3. Programação

Uma Assembléia de Pequenos Grupos deve ter na programação o seu ponto alto. Preparada com a devida antecedência, criará um clima de expectativa e proporcionará o envolvimento de maior número de pessoas. Evitam-se aquelas improvisações que enfraquecem a proposta e o objetivo da Assembléia e comprometem seus resultados.

A. Horário - A Assembléia deve ser realizada rigorosamente no horário programado, de tal maneira que a igreja seja educada a estar presente e esperando o início do programa, que deve terminar no horário previsto.

O programa deve ser realizado em uma hora e meia a duas horas, no máximo. Em caso de grandes batismos a programação deve ser adaptada.

B. Abertura - O programa sugere uma abertura solene, com um grupo representativo na plataforma. É um momento em que a igreja deve ser impressionada. A Assembléia deve ser forte desde o início.

Estas são algumas sugestões de abertura:

- 1) Entrada dos desbravadores com bandeiras.
- 2) Entrada dos Líderes com símbolos do seu respectivo Pequeno Grupo.
- 3) Abertura com instrumentos musicais, como um trio de trompetes tocando um hino de arrebatamento.
- 4) Entrada do Pastor, líderes de Pequenos Grupos e convidados pela porta da frente, combinando com um grupo cantando, ou um forte hino cantado pela congregação.
- 5) Um grupo musical, ou outro convidado para o louvor especial, abre a programação cantando alguns hinos.

C. Louvor:

- 1) Logo após a abertura, entra o grupo de louvor, devidamente ensaiado e com as músicas já previamente combinadas.
- 2) Os músicos devem ser convidados com antecedência, e a eles dadas as músicas que serão utilizadas.
- 3) O louvor deve criar um sentimento de bem-estar na congregação e a consciência de que se encontra na presença de Deus.
- 4) É indispensável o preparo de uma coletânea com as músicas que serão cantadas, bem como a programação da Assembléia.

D. Batismo:

- 1) Em todas as Assembléias de Pequenos Grupos deve acontecer batismo, mesmo que seja de uma só pessoa. Isso favorece o apelo aos convidados para que aceitem Jesus como seu Salvador.
- 2) O apelo deve ser direto, mas não deve criar constrangimentos, pois algumas pessoas estão ali pela primeira vez e não sabem que atitude tomar.
- 3) Daí ser muito importante que o convidado esteja sentado ao lado da pessoa que o convidou, para se sentir mais seguro e favorecer ao membro ajudar seu convidado na decisão.
- 4) Em caso de grandes batismos devem ser feitos arranjos especiais.

E. Testemunho:

- 1) As pessoas que foram batizadas são convidadas à frente para receber o seu certificado.
- 2) Deve ser dada a elas a oportunidade de escolher quem gostaria que lhe entregasse o certificado.
- 3) Em seguida, o Pequeno Grupo ao qual o recém-batizado pertence, ou irá pertencer, é convidado a ir à frente para dar-lhe as boas-vindas, flores e presentes, e receber o seu mais novo membro.

F. Destaques:

- 1) Algum momento deve ser reservado para os destaques do programa de Pequeno Grupo.
- 2) Apresentar algum Pequeno Grupo que esteja bem em algum quesito para incentivar os demais.
- 3) Utilizar sempre o positivo para promover o positivo.
- 4) É importante dar destaque às lideranças e aos próprios Pequenos Grupos.

G. Mensagem:

- 1) Uma poderosa mensagem deveria ser o clímax de uma Assembléia de Pequenos Grupos.
- 2) Uma mensagem ungida pelo óleo sagrado do Espírito Santo, deve ser pregada, com a solene responsabilidade de levar a congregação a uma entrega total e irrestrita de sua vida a Deus e a um renovado compromisso com sua missão.

3) O povo deve voltar para casa levando a clara sensação de que esteve na presença de Deus e que atenderá a convocação da próxima Assembléia.

4) Um lindo e empolgante hino, cantado por convidados ou pela congregação, deve completar o apelo do momento.

4. Atração

É interessante que as Assembléias contem com participações que enriqueçam sua programação. É o caso de um cantor, um grupo musical, ou pregador; ou outros convidados, desde que envolvidos com os Pequenos Grupos. Essa atração, porém, não deve desequilibrar a programação e comprometer os objetivos da Assembléia.

Um convidado pode contribuir executando sua parte dentro do programa, conforme o estabelecido. A pessoa mais importante em uma Assembléia de Pequenos Grupos é o Espírito Santo. Ele é o responsável por nos levar ao nosso Salvador Jesus Cristo.

5. Oração

É essencialmente importante que o pastor, anciãos e líderes se ocupem com a oração. Há muito o que fazer para uma linda e empolgante e poderosa Assembléia, mas a oração não pode ser negligenciada. Na hora da Assembléia, o pastor deve estar tranqüilo e sereno, com todas as tarefas distribuídas entre sua liderança, e ele coordenando apenas com o olhar.

6. Final

O final da programação deve ser solene e festivo ao mesmo tempo. O pastor e os convidados devem estar à saída para se despedir dos irmãos. Enquanto a igreja sai, o grupo musical responsável pelo louvor deve continuar cantando.

7. Elementos de uma Assembléia

Alistamos aqui os dez elementos que julgamos devem estar presentes, todos ou uma parte deles, na programação de uma Assembléia de Pequenos Grupos.

Abertura

Louvor

Músicas especiais

Testemunho

Destaques

Pregação

Batismo

Apelo

Oração

PoderV. Planejamento

As Assembléias devem ser elaboradas tendo-se em vista que elas são o cartão postal da igreja. É o seu grande momento, a sua melhor paisagem. Por isso um planejamento deve ser realizado com toda dedicação e oração, conferindo-se tudo, parte por parte, até o final.

O planejamento geral das Assembléias de Pequenos Grupos deve ser feito junto com o planejamento anual das igrejas e do distrito. O planejamento específico poderá ser feito um pouco mais próximo a data do evento, mas com a devida antecedência e nunca menos de dois meses antes da realização da Assembléia.

A programação e realização das Assembléias podem estar a cargo dos líderes e coordenadores de Pequenos Grupos, mas no momento do planejamento é indispensável a presença do pastor e do ancião coordenador.

No planejamento deve-se preocupar com tudo, inclusive com os imprevistos. O que não se pode esquecer: som, recepção, convites, música (louvor, músicos e cantores), equipamentos, tanque batismal, roupa batismal, flores, arranjos, arrumação da igreja, pregador, convidados, atrações, divulgação.

Tudo deve estar escrito e organizado. Nunca se deve confiar na memória. Até os detalhes devem ser planejados, porque pequenos detalhes fazem grandes diferenças. Uma planilha como a que se segue é indispensável, e deve ser conhecida por todos dos Pequenos Grupos envolvidos e demais pessoas envolvidas no programa.